

Dicotomia ou complementaridade? O eterno debate acerca dos conceitos de estilo e função*

Leandro Elias Canaan Mageste**
Ana Paula de Paula Loures Oliveira***

MAGESTE, L.E.C.; LOURES OLIVEIRA, A.P.P. Dicotomia ou complementaridade? O eterno debate acerca dos conceitos de estilo e função. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 11: 125-131, 2011.

Resumo: Os debates envolvendo as definições de estilo e função vêm sendo conduzidos na Arqueologia por mais de um século. Uma das questões que continua a configurar como um impasse é a pertinência de uma dicotomia entre o que poderia ser considerado estilístico e/ou funcional no estudo da cultura material. Frente a este cenário, o presente trabalho se propõe a discutir a pertinência de tais proposições no estudo da cerâmica do sítio Córrego do Maranhão, Carangola-MG.

Palavras-chave: Estilo – Função – Variabilidade cerâmica.

Pode-se dizer que os debates envolvendo as definições de estilo e função vêm sendo conduzidos na Arqueologia por mais de um século. Porém, essa longa contenda não resultou em seu melhor entendimento, já que poucos pesquisadores se propuseram a criar um método capaz de efetivamente evidenciar o significado de tais categorias no estudo da cultura material. Um dos aspectos que continua a configurar como impasse é a suposição da existência de uma dicotomia entre os conceitos de estilo e função. Trata-se de um assunto que ao longo dos anos gerou posições das mais conflitantes.

(*) O texto é desdobramento da pesquisa de mestrado “Entre estilo e função: o estudo do sítio Córrego do Maranhão, Carangola-MG”, desenvolvido por Leandro Mageste junto ao MAE-USP, sob orientação do Prof. Dr. Astolfo Gomes de Mello Araujo.

(**) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, mestrando em Arqueologia.
<leandromageste@yahoo.com.br>

(***) Departamento de Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto-UFOP <apaula@gmx.net>

No presente texto serão apresentadas algumas das principais propostas elaboradas para os conceitos de estilo e função, evidenciando os trabalhos de autores que refletiram sobre a plausibilidade de uma dicotomia. A intenção com o exercício é situar a perspectiva teórica que vem sendo utilizada no estudo do sítio Córrego do Maranhão, Carangola, MG.

Sítio Córrego do Maranhão

O sítio Córrego do Maranhão está localizado em Alvorada, distrito do município de Carangola, Minas Gerais. Pode ser caracterizado como lito-cerâmico, colinar a céu aberto e com cultura material pertencente à tradição Tupiguarani. Situado a 790 m de altitude, na Fazenda Maranhão, o terreno abarca uma área de aproximadamente 65.000 m², no topo de uma colina de 1,5 ha paralela ao Córrego do Maranhão (marco natural). Distingue-se por possuir área com declividade que varia de 20° a 30° (Fig. 1).

O sítio foi identificado no ano de 1986, quando o proprietário percebeu uma grande



Fig. 1. Panorâmica do sítio Córrego do Maranhão.

quantidade de fragmentos cerâmicos após o preparo do solo para o plantio do café. Após esse evento, a área foi vistoriada em dois momentos, em 1993 e 1997, por equipes do Museu de História Natural da UFMG e do Museu Nacional da UFRJ respectivamente. Contudo, só foi efetivamente estudada no ano de 2006, quando a equipe do Museu de Arqueologia e Etnologia Americana /UFJF visitou o local, a convite da Prefeitura Municipal de Carangola.

Ao longo de mais de cinco anos de pesquisa, o Córrego do Maranhão foi palco de diversas campanhas, dedicadas a coleta sistemática do material disperso em superfície, detalhamento planialtimétrico do terreno, prospecção sistemática e escavação por superfícies amplas. No decorrer dessas atividades, foi possível coletar um total de 23 mil fragmentos cerâmicos, submetidos aos processos de higienização, tombamento e análise tecnológica. Os resultados da classificação revelaram algumas distinções na cerâmica, principalmente no que se refere à diversidade apresentada por seus elementos decorativos.

Nesse sentido, o Setor 1 se distinguiu por possuir a maior diversidade decorativa, sendo possível identificar no material coletado em

superfície e sondagens 17 tipos de acabamento na superfície externa: corrugada, ungulada, escovada, com engobo branco, pintada, com banho vermelho, serrungulada, incisa, espatulada, estocada, dígito-ungulada, polida, beliscada, ponteada, com engobo vermelho, digitado e acanalado.

Por sua vez, o Setor 2 não apresentou fragmentos com superfície externa beliscada ou digitado. Porém, se diferenciou dos demais setores ao contar com fragmentos com a presença de resina na superfície interna. Por fim, no Setor 3, verificou-se uma preponderância do acabamento plástico corrugado em relação aos demais setores. Em termos gerais, a área se caracterizou por apresentar baixa diversidade decorativa, sendo possível observar, além do corrugado, fragmentos com superfície externa ungulada, estocada, incisa e superfície interna polida, pintada e com resquícios de engobo (Loures Oliveira 2009).

Esses dados foram interpretados, em um primeiro momento, como sendo possíveis indicadores de áreas de sociabilidades diferenciadas. Contudo, com o afunilamento da cronologia do sítio, pode-se pensar na possibilidade das variações observadas serem, na verdade, o diagnóstico de diferentes ocupações. Isso porque o Córrego do

Maranhão conta com um conjunto de 14 idades, fornecidas por Termoluminescência (doravante, TL) e C14, que atestam o seu povoamento de 1750 ± 200 a 500 ± 60 AP (Tabela 1).

Em relação às idades obtidas por TL e C14, foi possível agrupá-las em quatro conjuntos cronológicos intercalados, levando em conta as margens de erro:

- Conjunto 1 1.750 ± 200 , 1.600 ± 220 e 1.500 ± 190 ;
- Conjunto 2 1.080 ± 130 , 1.060 ± 200 e 1.070 ± 110 ;
- Conjunto 3 - 840 ± 90 , 910 ± 130 , 960 ± 110 e 970 ± 90 ;
- Conjunto 4 - 500 ± 60 , 580 ± 110 , 590 ± 70 e 650 ± 40 .

Diante desses dados, pode-se conjecturar a hipótese do sítio Córrego do Maranhão ter sido ocupado por ceramistas Tupiguarani em pelo menos quatro períodos cronológicos distintos. Indo mais além, é possível sugerir ainda que tais datações são, em última análise, indicadores de sucessivos processos de ocupação, abandono e reocupação de um mesmo local (Fig. 2).

Para os propósitos desse estudo, as atenções têm se concentrado nas análises dos acabamentos plásticos de superfície da cerâmica do sítio Córrego do Maranhão, já que estes parecem apresentar implicações cronológicas. Nessa empreitada, optou-se pela utilização dos conceitos de estilo e função conforme pensados por Dunnell (1978), que estabelece

TABELA 1

Datações do sítio Córrego do Maranhão		
Setor	Procedimento	Datação (AP)
1	TL (FATEC/SP)	840 ± 90
1	TL (FATEC/SP)	910 ± 130
1	TL (FATEC/SP)	1.080 ± 130
1	TL (FATEC/SP)	1.060 ± 200
1	TL (FATEC/SP)	1.500 ± 190
1	TL (FATEC/SP)	1600 ± 220
1	TL (FATEC/SP)	1750 ± 200
2	TL (FATEC/SP)	960 ± 110
2	TL (FATEC/SP)	1.070 ± 110
2/3	C14 (BETA)	650 ± 40
2/3	TL (FATEC/SP)	590 ± 70
2/3	TL (FATEC/SP)	580 ± 110
3	TL (FATEC/SP)	500 ± 60
3	TL (FATEC/SP)	970 ± 90

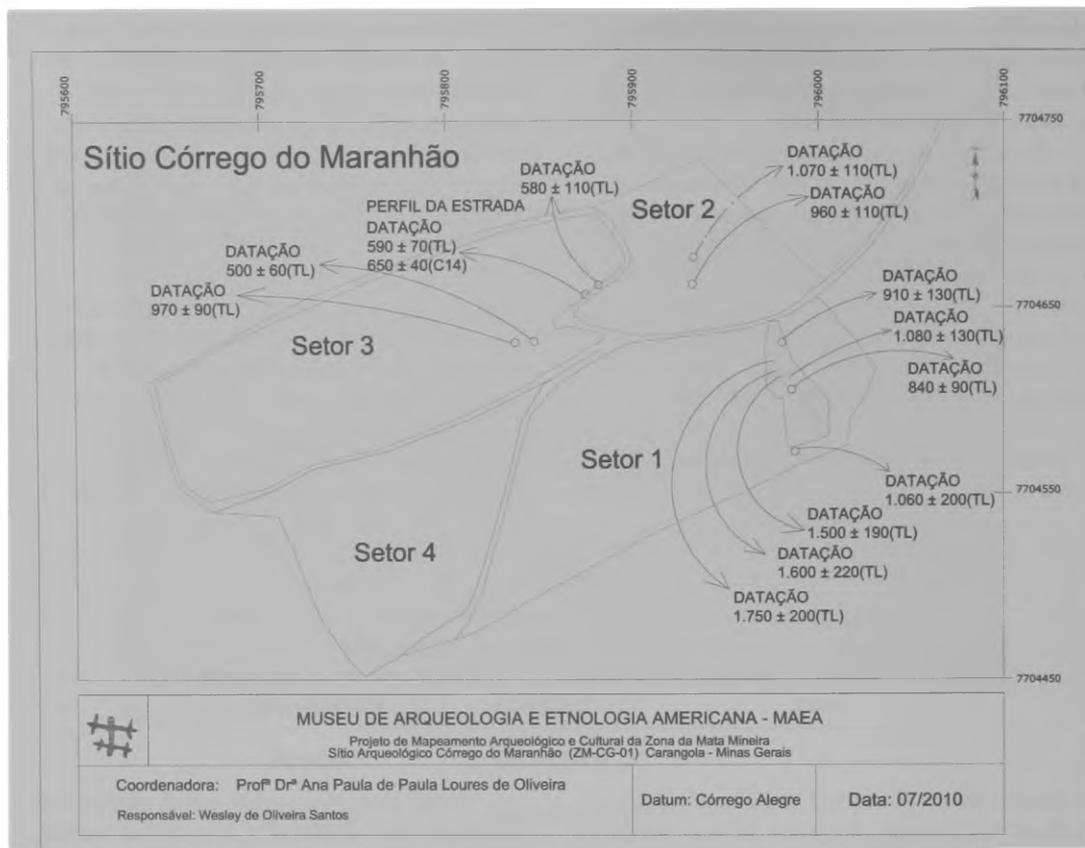


Fig. 2. Mapa do sítio com proveniência das datações.

uma dicotomia entre tais categorias. Contudo, não se pode perder de vista que a distinção entre estilo e função reflete diferentes opções teóricas que vêm conduzindo as pesquisas arqueológicas desde o final do século XIX.

Contexto teórico: os debates acerca dos conceitos de estilo e função

As primeiras discussões sobre o tema se remetem aos trabalhos produzidos a partir da perspectiva histórico-culturalista, no final do século XIX. Nesse contexto, características estilísticas eram encaradas como diagnóstico de etnicidade e dicotômica em relação a traços funcionais. Estilo poderia ser identificado a partir dos elementos decorativos e formais da cultura material, enquanto função se referia fundamentalmente a sua utilidade (O'Brien & Leonard 2001: 2).

Anos mais tarde, entre as décadas 1960 e 1970, essas discussões mudariam de foco, em certa medida devido à consolidação de um novo quadro epistemológico, a chamada Nova Arqueologia ou Escola Processual. Nesse contexto, Binford (1962, 1989; entre outros), pesquisador que pode ser relacionado à chamada escola iconológica, considerou estilo como elemento adjunto, derivado dos aspectos secundários ou complementares do artefato e imbuído de valores simbólicos e ideológicos.

Em relação à dicotomia entre estilo e função, não podemos esquecer que toda a obra de Binford foi estruturada sob o paradigma da adaptação e funcionalidade. Assim, tecnologia é sempre vista como estratégia adaptativa (Fagundes 2004: 133). No que tange às variações estilísticas, estas se encontram em apenas uma parte restrita do artefato, aquela que não se relaciona com o seu papel funcional.

Um dos principais críticos ao trabalho de Binford foi James Sackett (1977, 1982, 1990, entre outros), defensor do modelo isocrético. O autor definiu estilo como sendo um jeito específico de se fazer algo, relacionado a um contexto em particular e presente em todas as etapas do processo produtivo. Não acreditava, portanto, que estilo e função fossem conceitos dicotômicos, na medida em que estilo era demarcador de etnicidade (Sackett 1990: 33). A variação estilística, nesse sentido, seria produto da formalização e rotinização da técnica, que acabaria por tornar a transmissão do conhecimento tecnológico fácil de imitar e executar (Bettinger, Boyd & Richerson 1994).

No final da década de 1970, foi a vez de Robert Dunnell apresentar suas ideias referentes a estilo e função. Dunnell (1978) definiu estilo e função enquanto conceitos dicotômicos, na medida em que são controlados por diferentes mecanismos evolutivos. Nesse contexto, função seria determinada por processos de seleção natural, conferindo, desse modo, vantagens adaptativas; já estilo resultaria de deriva, sendo constituído por elementos adaptativamente neutros (Dunnell 1978: 199).

Para Dunnell, a dicotomia entre estilo e função é fundamentalmente teórica. A distinção entre características estilísticas e funcionais conduziria a expectativas específicas quanto às maneiras como essas duas classes de traços podem se comportar ao longo do tempo e através do espaço. A identificação de um traço particular como estilístico ou funcional começa como uma hipótese, que é então empiricamente avaliada. São então comparados os padrões com pertinência espaços-temporais detentores de características particulares (Dunnell 1978: 199-200).

No final da década de 1970 e início de 1980, outros estudos discutiram a dicotomia entre estilo e função, como, por exemplo, o trabalho etnoarqueológico de Polly Wiessner (1983). A pesquisadora defendeu a distinção entre os conceitos. Para ela, estilo pode ser definido como a variação formal da cultura material, que transmite informações sobre identidade pessoal ou social. Essas mensagens foram denominadas, respectivamente, de estilo emblemático e estilo assertivo (Wiessner 1983: 257-258).

Discussões sobre estilo e função também podem ser observadas na Arqueologia Brasileira,

desde os primeiros estudos sobre a cerâmica da Amazônia, no início do século XX, e de forma mais sistemática nas últimas duas décadas (Barreto 2009). Recentemente, o que se observa é o esforço por parte dos arqueólogos em compatibilizar alguns dos conceitos produzidos internacionalmente com as especificidades do contexto arqueológico nacional (Dias & Silva 2001).

Considerações finais

Neste trabalho, a escolha pela perspectiva defendida por Dunnell (1978) se deve ao fato dela oferecer os aportes teóricos para tratar questões relacionadas à variabilidade a partir de uma perspectiva diacrônica. Ao mesmo tempo, permite caracterizar a cultura material em termos estilísticos e funcionais, evidenciando desse modo as rupturas e continuidades na história de ocupação de uma área.

Com o prosseguimento do estudo, será adotado nas análises procedimento de seriação, na medida em que ele permite identificar tanto os traços sujeitos a variação, que são característicos de processos particulares (estilo), quanto aqueles que apresentam continuidade cronológica (função). De modo geral, trata-se de procedimento que se propõe a organizar unidades comparáveis ao longo de uma linha do tempo, de tal forma que a posição ocupada por cada unidade reflita a sua semelhança em relação às outras.

Para os propósitos dessa pesquisa, a seriação será desenvolvida a partir de uma perspectiva relacional. Tendo em vista as similaridades existentes entre os sítios Tupiguarani situados na Zona da Mata mineira, os dados da cerâmica do Córrego do Maranhão serão confrontados com os dados sistematizados dos demais assentamentos da região: Emílio Barão e Teixeira Lopes (Juiz de Fora, MG), Primavera e Poca (São João Nepomuceno, MG) e, por fim, Mata dos Bentes (Rio Novo, MG). Esses sítios, além de apresentar variabilidade de elementos decorativos, encontram-se inseridos em recortes temporais bem específicos (Tabela 2).

Com o prosseguimento das análises, espera-se revelar as rupturas e continuidade histórica nos acervos analisados, definir o que pode ser entendido como estilístico e funcional e, quem sabe, delimitar com mais segurança o número de ocupações do sítio Córrego do Maranhão.

TABELA 2

Elementos decorativos dos sítios Tupiguarani da Zona da Mata mineira		
Sítio	Datação (TL)	Decoração
Emílio Barão	480 ± 50 AP 590 ± 60 AP	Corrugado, estocado, unglado, engobo branco e engobo vermelho, espatulado, escovado, polido, pintado, serrungulado, inciso, ponteadado, acanalado, resina, dígito-ungulado
Teixeira Lopes	585 ± 60 AP	Corrugado, estocado, unglado, engobo branco e engobo vermelho, espatulado, escovado, banho vermelho, pintado, inciso
Primavera	690 ± 100 AP 550 ± 70 AP	Corrugado, estocado, unglado, engobo branco e engobo vermelho, espatulado, escovado, polido, pintado, serrungulado, inciso, ponteadado
Poca	595 ± 70 AP 630 ± 80 AP 750 ± 90 AP	Corrugado, estocado, unglado, engobo branco e engobo vermelho, polido, banho vermelho, serrungulado, inciso, ponteadado
Mata dos Bentes	1300 ± 150 AP	Corrugado, estocado, unglado, engobo branco e engobo vermelho, espatulado, escovado, polido,, pintado, serrungulado, inciso, ponteadado, resina digitado, beliscado

MAGESTE, L.E.C.; LOURES OLIVEIRA, A.P.P. Dichotomy or complementarity: the eternal debates about the concepts of style and function. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 11:125-131, 2011.

Abstract: The debates involving definitions of style and function have been conducted in Archaeology for more than a century. One issue that continues to set as an obstacle is the relevance of the dichotomy between what could be considered stylistic and/or functional in the study of material culture. Thereby, this paper aims to discuss the relevance of such propositions in the study of pottery of site Córrego do Maranhão, Carangola-MG.

Keywords: Style – Function – Ceramic variability.

Referências bibliográficas

- BARRETO, C.N.G.B.
2009 Meios místicos de reprodução social: arte e estilo na cerâmica funerária da Amazônia Antiga. Tese de doutorado. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da USP.
- BETTINGER, R.; BOYD, R.; RICHERSON, P.
Style, function and cultural evolutionary process. 1994. Disponível em < <http://www.des.ucdavis.edu/faculty/Richerson/BettingerSTYLE.pdf> > Acesso em 01 de jun. de 2011.
- BINFORD, L.
1962 Archaeology as anthropology. *American Antiquity*, 28 (2): 217-225.
1989 Styles of Style. *Journal of Anthropological Archaeology*, 8: 51-67.
- DIAS, A.S.; SILVA, F.A.
2001 Sistema tecnológico e estilo: as implicações desta inter-relação no estudo das indústrias líticas do sul do Brasil. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 11: 95-108.
- DUNNELL, R.C.
1978 Style and function: a fundamental dichotomy. *American Antiquity*, 43: 192-202.
- FAGUNDES, M.
2004 O conceito de estilo e sua aplicação em pesquisas arqueológicas. *Canindé*, 4: 117-146.
- LOURES OLIVEIRA, A.P.P.
2009 Ceramistas Tupiguarani da Zona da Mata mineira. In: Loures Oliveira, A.P.P. (Org.) *Estado da arte das pesquisas arqueológicas sobre a Tradição Tupiguarani*. Juiz de Fora, Ed. UFJF: 9-36.
- O'BRIEN, M.J.; LEONARD, R.D.
2001 Style and Function: an introduction. In: Hurt, T.D.; Rakita, G.F.M. (Eds.) *Style and Function: Conceptual Issues in Evolutionary Archaeology*. Westport, Connecticut, Bergin and Garvey: 1-24
- SACKETT, J.R.
1977 The meaning of style in archaeology: a general model. *American Antiquity*, 42: 369-380.
1982 Approaches to Style in Lithic Archaeology. *Journal of Anthropological Archaeology*, 1: 59-112.
1990 Style and ethnicity in archaeology: the core for isocherestism. In: Conkey, M. W.; Hastorf, C. (Eds.) *The uses of style in archaeology*. Cambridge, Cambridge University Press: 32-43.
- WIESSNER, P.
1983 Style and social information in Kalahari San projectile points. *American Antiquary*, 48 (2): 253-276.